



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE  
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, FISIOTERAPIA E DANÇA  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

**PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS**

**DIRCEU SANTOS SILVA**

**(depoimento)**

**2017**

**CEME-ESEFID-UFRGS**

## FICHA TÉCNICA

**Projeto:** Garimpando Memórias

**Número da entrevista:** E-795

**Entrevistado:** Dirceu Santos Silva

**Nascimento:** não informado

**Local da entrevista:** Porto Alegre/Campo Grande (Via Skype)

**Entrevistadora:** Mayara Cristina Mendes Maia

**Data da entrevista:** 30/03/2017

**Transcrição:** Laura Giovana dos Santos Andrade

**Copidesque:** Mayara Cristina Mendes Maia

**Pesquisa:** Laura Giovana dos Santos Andrade e Mayara Cristina Mendes Maia

**Revisão Final:** Silvana Vilodre Goellner

**Total de gravação:** 34 minutos

**Páginas Digitadas:** 6

### Observações:

Entrevista realizada para a produção Do E-book *Esporte da Escola: experiências na formação continuada e em serviço*, organizado por Silvana Vilodre Goellner e Mayara Cristina Mendes Maia.

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.

## **Sumário**

Inserção no Programa Segundo Tempo; Participação no Programa Esporte da Escola; Ministério do Esporte e Ministério da Educação; Equipe Pedagógica do Programa Segundo Tempo; Políticas públicas de Esporte e Lazer; Função e interesses de monitores; Experiência na formação de agentes sociais; Avaliação do Esporte da Escola.

Campo Grande, 30 de março de 2017. Entrevista realizada Dirceu Santos Silva a cargo da pesquisadora Mayara Cristina Mendes Maia para o Projeto Garimpendo Memórias do Centro de Memória do Esporte.

M.M. – Boa noite, professor Dirceu! Você poderia nos contar quando e como iniciou o teu envolvimento com o Esporte da Escola?

D.S. – Bom, eu venho acompanhando como pesquisador e como estudioso da área de ações de políticas públicas como o Programa Segundo Tempo desde quando eu comecei a minha graduação e a fazer a iniciação científica na UESC<sup>1</sup> em Ilhéus na Bahia. Eu continuei acompanhando durante o meu mestrado. E durante o doutorado, em 2014, fiquei sabendo do processo seletivo que teria para novos formadores. Então, eu conheço o técnico que agora é doutorando da UNB, o Vagner<sup>2</sup> e mandei o meu currículo para ele. Quando eu me encontrei com o Vagner, ele falou que selecionava formadores com o perfil mais crítico tanto da prática quanto da teoria de política para ajudar também no Programa de uma forma geral.

M.M. – Você lembra mais ou menos em que ano, que momento ou em que mês esse processo aconteceu?

D.S. – Participei da capacitação em julho de 2014 e atuei no Programa até dezembro de 2014 porque em 2015 eu fiz um intercâmbio na Europa e fiquei um ano na Inglaterra. Eles pediram a renovação do contrato em 2015, mas infelizmente eu não pude continuar.

M.M. – E quais atividades você desempenhava no Esporte da Escola?

D.S. – Num primeiro momento, a gente recebeu uma formação em Porto Alegre e num segundo momento, a gente ministrava as formações para pessoas que estão já na base, que são os agentes sociais, que são aquelas pessoas que trabalham mesmo nas escolas vinculadas ao Esporte da Escola. Então, basicamente nas formações que eu participei em diferentes capitais no Brasil. Curitiba, São Luís, interior de Minas Gerais, Alagoas... Todas

---

<sup>1</sup> Universidade Estadual de Santa Cruz.

<sup>2</sup> Wagner Barbosa Matias.

as formações... Eu participei muito do primeiro momento que era de apresentação do papel do Ministério do Esporte e da apresentação do Esporte da Escola. Para além dessa esplanada inicial, eu ministrava uma ou duas oficinas por formação. Então, basicamente eu ministrei oficinas de Esportes de Invasão, trabalhando com futsal e handebol. Eu ministrei também Esportes de Rede, atividades de aventura com utilização de *slackline*... Ministrei lutas, ministrei capoeira... Eu acho que as únicas que eu não ministrei foram ginástica e dança. Então todos os outros conteúdos da formação cheguei a trabalhar, tanto de forma teórica quanto de forma prática.

M.M. – Pode descrever como aconteciam os processos de formação dos agentes sociais?

D.S. – Bom, esses processos dos cursos iniciavam com um momento de formação da equipe de professores e com um planejamento. Então, o Ministério do Esporte fornecia o material didático para distribuímos entre os monitores participantes dos cursos. Existia esse material didático, mas a gente poderia ir além. Então, a partir desse material, a gente criava algum tipo de atividade para o conteúdo. Em cada formação é um tipo de atividade de diferente, não era um curso específico que a gente ia lá ministrar. Então, por exemplo, quando era um formador de esporte de aventura, oferecia *slackline*, mas tinha outros formadores que ofereciam corrida orientada ou algo do tipo. Então, era sempre uma formação diferente de acordo com a quantidade de pessoas e local. Por exemplo, em Curitiba, as fontes de atividades eram bem específicas porque todos os formadores do Programa tinham pós-graduação. E a gente foi para locais que tinham pessoas que não tinham formação nem em Educação Física e não eram nem estudantes! Então a gente precisou montar outro tipo de atividade e alterar a complexidade daquela atividade... Eu trabalhei em capitais e interior e diversifiquei bastante as aulas ministradas para atender a variedade das demandas. Estava trabalhando um período em Campinas e o Ministério me colocava em diferentes aeroportos, minha localização mais central possibilitava isso.

M.M. – Aconteceu algum curso que foi mais significativo e chegou a te marcar que você possa nos descrever?

D.S. – Acho que o curso de Curitiba me chamou atenção, não por ser a primeira, mas por ter ocorrido uma discussão acadêmica bem maior que nas outras formações, então, a minha

primeira formação eu estava entrando naquele processo e foi um lugar que aconteceu uma troca de experiência entre os formadores e quem estava sendo formado teoricamente. Foi muito interessante! Inicialmente eles tiveram uma resistência muito grande nas atividades, no entanto, no último dia de formação foi bem bacana, eles deram um *feedback* interessante e era muita novidade para eles. Acredito que essa formação em Curitiba foi significativa no sentido de formação e troca de conhecimento para acadêmicos. Inclusive, quando a gente apresentava as oficinas, a gente abria uma roda inicial e terminava com uma roda final. E nessa roda final, teve uma troca muito significativa. No entanto, eu posso destacar Teresina, que foi um local que o trabalho acadêmico também foi bem significativo porque Teresina me surpreendeu muito, não só pelo calor, mas pela carência de informação que as pessoas tinham e pelo valor que eles estavam dando àquele tipo de formação. Então, a vontade de aprendizagem e a chegada de um programa de formação do Ministério do Esporte na capital, acho que foi muito significativo para minha formação também. O *feedback* que eu recebi com esse tipo de formação foi bem significativo, foi marcante.

M.M. – Qual é a tua opinião sobre os processos de formação? Como eles aconteciam e tudo o mais?

D.S. – Então, a minha opinião é que esses processos eram sempre interessantes. Discutir formação é sempre importante dentro do processo. A maior dificuldade era o tempo dessa formação, por exemplo, a maioria eram professores de Educação Física ou pessoas que estavam cursando Educação Física, eram acadêmicos. E ter uma formação desta é sem dúvida marcante para a pessoa que está recebendo, no entanto, ela não é suficiente para garantir formação qualificada daquela pessoa. Então, comparado a todo um processo de preparação para um ano letivo, por exemplo, ela é bem simplória. Geralmente, você prepara um tipo de formação para dar ideias para aquela pessoa. Tinha também muito grande de outras formações, de outros programas do Ministério do Esporte. Nesse sentido, o Esporte na Escola impulsionou uma formação mesmo a partir do momento que tu oferecias o material pedagógico, apesar de que era o Programa, e apresentava... Dava uma capacitação de cada tipo de oficina, então, abria um leque de possibilidades para aquelas pessoas buscarem conhecimento, no entanto, a gente não tem uma ideia do impacto dessa formação. É algo que não dá para avaliar por uma formação. As pessoas davam *feedback* bem bacanas, mas será que elas continuaram estudando? Será que mudaram a prática

delas? Então, não tem nenhuma formação continuada para confirmar. Outro problema desse tipo de formação, e aí foi por conta de uma demanda política, é porque geralmente o Ministério do Esporte trabalha com projetos, então, Programa Esporte e Lazer da Cidade, Programa Segundo Tempo... Todos esses programas dão uma formação para as pessoas e essas pessoas representando o projeto vão trabalhar e, às vezes, essas pessoas saem e entram novas pessoas que não recebem os cursos ou a atividade não tem continuidade porque são projetos e projetos mudam a cada 12/24 meses e assim, sempre tem uma troca dessas pessoas que estariam na formação.

M.M. – Então, quais são os pontos positivos que você conseguia enxergar do Esporte na Escola em específico?

D.S. – Os pontos positivos? Então, os pontos positivos eram as formações. Eu acho que os momentos que ocorriam inicialmente antes do início das atividades eram mais interessantes do que no meio do processo. O ponto positivo da formação: chegar antes do processo... Chegávamos e dávamos um gás, reconhecíamos os locais do curso, verificávamos os materiais. Eles recebiam o material didático que eu acho bem interessante e o conhecimento científico e acadêmico, dentro da prática. Uma crítica que se tem na maioria das áreas e que na área das políticas públicas também faz parte é sobre o envolvimento das pessoas. E os profissionais que tiveram em suas cidades abraçaram esse tipo de projeto. Acho que teve um alcance muito grande essa formação e acho que é uma contribuição significativa não só para o programa, mas para as cidades participantes e para a cultura esportiva brasileira.

M.M. – Nos locais que você trabalhou sentiu alguma resistência do pessoal da Educação Física por receio da ideia de o Esporte da Escola parecer tomar seu espaço como professor de Educação Física?

D.S. – Em nenhum momento. Em todas as formações que eu fui... No caso de Curitiba que já eram professores de Educação Física era visto como um complemento que poderia ajudar no salário; viam o Programa como algo voluntário mesmo, como algo que eles queriam contribuir para a sociedade como experiência interessante.

M.M. – Além da questão de Teresina ter sido uma experiência marcante e ao mesmo tempo, difícil até pelo nível que você falou que encontrou pouco envolvimento na área, ocorreu algum curso mais difícil?

D.S. – Então, justamente a que eu tive mais dificuldade foi a que eu mais gostei, em Curitiba. Porque eu era doutorando e a maioria era especialista e como eu estava na minha primeira formação estava conhecendo o Esporte da Escola. Foi bem natural e bem interessante em que o conhecimento científico falava e o material didático que a gente usava falava e colocava sugestões dessas pessoas que estavam lá na ponta, na prática.

M.M. – E o Esporte da Escola, como um todo, você sabe que tinha... Como você mesmo falou, os monitores que são de cada área do Brasil e, eles sempre traziam suas dificuldades com envolvimento, com a educação, com o Esporte da Escola. Você conseguia sentir, dentro da sua experiência, e pelo o que você escutava deles se o Esporte da Escola, se ele realmente conseguia cumprir a função de inclusão social? Era uma atividade de inclusão social?

D.S. – Não. Ele não conseguia cumprir. São vários relatos problemáticos. O primeiro é o de acompanhar oficinas específicas pelos materiais, então, além de materiais tinha que cuidar de equipamentos, construir ginásio coberto para propiciar as aulas de Educação Física, enfrentar as dificuldades com os monitores que trabalhavam na zona rural... Esses reclamavam que não tinha materiais e equipamentos que facilitassem para que essas práticas acontecessem. A dificuldade também deles terem informação, a dificuldade de entender o que seria o Programa enquanto eles ainda estavam no Programa, mas que precisavam de algo que tivesse continuação... No contra turno escolar, eles tinham o objetivo específico de não só manter as crianças na escola, mas também oferecer para elas práticas esportivas que proporcionem uma formação principalmente para o esporte educacional. Não só com o esporte educacional, mas também do esporte de participação que é um esporte para os campos do lazer, já que se você oferece um tipo de oficina para eles, eles vão conseguir adaptar para suas realidades escolares e para sua vida e das crianças. Respondi?

M.M. – Sim! Você chegou a fazer alguma visita em escolas do Esporte da Escola?

D.S. – Sim, eu cheguei. Nesse primeiro de Curitiba, eu fiz toda a parte inicial da avaliação. Eu só não fiz essa parte total com o relatório porque falaram que não precisava, mas nesse curso específico, eu fiz menos oficinas e fiquei responsável não só pela avaliação, mas por uma oficina também. Então eu participei de todos os processos, eu fui coordenador de duas formações no Ministério e participei da avaliação e participei da sala inicial, eu substituí pessoas do Ministério. Eu aproveitei bastante o Esporte da Escola.

M.M. – Mas eu digo assim, tinham algumas viagens que eram especificamente para você ir na escola fazer entrevistas...

D.S. – Ah, sim! Dessas eu não participei.

M.M. – Então, professor Dirceu. Tem alguma temática que eu não comentei, mas você queira falar sobre?

D.S. – Então, eu penso que os cursos de Educação Física, de uma forma geral deveriam estudar esporte como direito individual, lazer como direito social e que o Estado deve fomentar, deve garantir... O que a gente precisa dentro das políticas públicas dessas pessoas que entendam de programas, ações políticas públicas. Então, eu penso que a formação em Educação Física não dá suporte para as pessoas trabalharem em programas sociais. Nesse sentido, em busca de levar essa formação não só para quem está na prática, mas também para quem vai atuar futuramente em alguém projeto que tenha a ver com Educação Física, o Ministério deveria investir nisso. Então eu acho que seria isso... Além da formação garantir um processo dessa avaliação que eu não cheguei a fazer, mas existiu na escola.

M.M. – Muito obrigada por suas contribuições, professor Dirceu!

[FINAL DA ENTREVISTA]